

O fantasma da hiperinflação

23 AGO 1989

BENEDICTO FERRI DE BARROS



O crash das Bolsas, os terremotos, as pestes, as guerras — as grandes calamidades naturais e humanas, estas sobretudo — têm uma coisa comum entre si: a imprevisibilidade. Os primitivos e os antigos atribuíam as calamidades ao capricho maligno de deuses e demônios; os modernos não conseguimos afastar de nosso espírito um sentimento de fantasmagoria. Elas são imprevisíveis porque são incriveis e, porque não as admitimos, nos surpreendem com sua subitaneidade. Na realidade não são mais do que o desfecho ou explosão de um processo cumulativo em que, a partir de certa quantidade da mesma coisa, ela se transmuta em coisa completamente diversa.

A hiperinflação é apenas a continuação de uma inflação exponencial. Mas não tem nada a ver com ela. A hiperinflação resulta de um processo exponencial de bombardeio da moeda, que, ao atingir determinada massa crítica, provoca uma reação em cadeia que modifica por completo os hábitos e comportamentos da vida econômica normal, todos eles baseados em cálculos feitos com a moeda.

A moeda é, de fato, o átomo original e básico de que se compõem todas as trocas econômicas, baseadas em preços. Os produtores utilizam-na para, partindo de preços, calcular custos e lucros, e, assim,

seus preços de venda. Os consumidores também a utilizam para avaliar e decidir suas compras, sua poupança, seus investimentos. A medida, entretanto, que a inflação vai erodindo a moeda e explodindo os preços, produtores e consumidores vão abandonando a moeda como instrumento infidedigno para seus cálculos de custos, lucros e preços. Durante a inflação, substituem-se nos cálculos os custos e preços expressos pela moeda corrente por cálculos estimativos da desvalorização futura. Tais cálculos tornam-se ilusórios e falsos quando a inflação dispara de forma imprevisível. Os produtores abandonam, então, os critérios de custo + lucro e passam a fixar seus preços pela estimativa do valor mais alto que o mercado possa aceitar. Diante de uma ascensão exponencial de preços, e na dúvida sobre se o resultado proporcionado por sua poupança e seus investimentos lhe permitirão comprar amanhã e manter intacto seu patrimônio, os consumidores também passam a fazer compras independentemente do critério de sua necessidade e a trocar suas aplicações financeiras por bens que parecem valorizar-se numa velocidade superior à da desvalorização da moeda.

Chama-se a isso de superaquecimento da economia. Na verdade trata-se de um incêndio — e o calor vem da moeda que está sendo queimada com a velocidade de um estopim aceso pelas duas pontas. Atinge-se a massa crítica quando esse tipo de fogo se generaliza, e, de prática de certos segmentos, se alastra por toda a população. O que se tem durante uma hiperinflação é o abandono de

toda a racionalidade econômica, que depende de um cálculo de preços feito com a moeda, por uma loucura de compra-e-venda que procura usar a moeda apenas para se desfazer dela. Na impossibilidade de se calcular passa-se a comprar, que é um meio pânico de fuga.

O comportamento hiperinflacionário com relação aos preços, tanto por parte dos produtores como dos consumidores, já se acha bastante alastrado entre nós. A irracionalidade quanto às decisões de preços de venda e de compra vem se generalizando como uma espécie de "defesa racional" à perda de credibilidade na moeda como instrumento para cálculos e decisões econômicas. Tudo parece barato quando, no mês seguinte, estará 30% ou 300% mais caro, e quando ninguém é capaz de saber se 30% ou 300% é barato ou é caro. A única decisão que o produtor pode tomar, neste caso, é a de aumentar os preços ao limite do que o mercado aceite pagar; e a que resta ao consumidor é a de comprar se encontrar e puder pagar — antes que suba. É impossível ao comum dos mortais abandonar a ilusão de que ganhou alguma coisa quando comprou um carro ou um console para computador há um mês ou uma semana e hoje ele "vale" 30% ou 300%, a mais, assim como é impossível convencer um produtor de que, estocando mercadoria para vendê-la a preços remarcados quando puder, não estará "ganhando dinheiro". Na

Estatísticas só avaliam os estragos depois que eles passam

realidade, um e outro não estarão iludidos se puderem vender a preços superiores ao da inflação, e não são poucos os que se defendem dela estocando como produtores, ou, como consumidores, comprando telefones, carros e outros bens para revendê-los com resultados superiores ao que obteriam de aplicações financeiras (dinheiro em troca de mais dinheiro). E eis como a inflação transforma a doidice especulativa em bom senso econômico.

Ignoramos se e quando — Deus nos livre! — atingiremos a massa crítica capaz de detonar a hiperinflação. Os economistas insistem em avaliar a situação e aventurar prognósticos analisando indicadores macroeconômicos. Tais indicadores, entretanto, só medem ex post facto, e a avaliação, aqui, teria de ser ex ante, e não tanto dos números como dos comportamentos. E esta deve ser uma das razões pelas quais as calamidades têm sempre algo subitâneo, surpreendente e fantasmagórico: os fantasmas podem ser pressentidos, mas não se deixam medir. As estatísticas só podem avaliar seus estragos depois que eles passam.

Não pretendemos diagnosticar nem prognosticar coisa nenhuma. Mas mesmo sem ser adivinho nem mágico sabemos que discursos e rezas não esconjuram realidades, e que não há nada de mais real do que hábitos e comportamentos que se alastram e que se procuram empurrar de barriga, num bailado que, aos nossos olhos, cada vez mais se parece com uma frenética e provocadora "dança do ventre".

Benedicto Ferri de Barros é ensaísta e membro da Academia Internacional de Direito e Economia.